

Um Beckett luminoso

As peças da mais importante geração de dramaturgos da segunda metade do século XX são habitualmente designadas como 'teatro do absurdo'. Embora autores como Beckett, Ionesco, Adamov, Genet ou Pinter não tenham formado uma escola propriamente dita, não há dúvida de que nos seus textos existe um denominador comum quanto aos temas e à forma. Apresentam-nos geralmente personagens que perderam as suas ligações e relações tanto íntimas como cósmicas. E que erram, as mais das vezes imóveis, em busca de um refúgio que não são capazes de encontrar: são frequentemente consideradas alegorias de uma humanidade em sofrimento, nos escombros do 'Teatro do Mundo'.

Happy Days põe-nos perante Winnie, uma mulher literalmente imobilizada. Uma mulher que, enterrada no solo, daí comanda o seu mundo de objectos e de ilusões, e neles integra o seu amor perdido, o seu amor nunca ganho. Winnie, a que está ali, ilusoriamente resistindo à passagem do tempo. Samuel Beckett opera a desconstrução da coerência das personagens — e seria mais apropriado falar 'da personagem' — até ao extremo de uma grotesca imagem explosivamente reveladora da realidade. A linguagem, sucessão de encadeamentos, de fragmentos e repetições, vai progressivamente apurando uma musicalidade rítmica, indutora de uma elementaridade fértil, simples, mas muito longe de ser simplista.

Sobre este espectáculo, que é a mais recente criação do Teatro Meridional, escreveu Miguel Seabra, o seu encenador: "Tenho uma relação quase religiosa com Samuel



© Susana Monteiro

Beckett. Quando o leio, regresso a um ponto muito central dentro de mim. Um lugar de inteireza. Este escritor reconduz-me a uma escuta profunda, a um estado de presença absoluta. Para muitos, é um autor difícil, incómodo, quase maldito: fala do fim do mundo, da infelicidade, da escassez, do vazio, da noite — a noite da humanidade. Um autor de sombra e escuridão, associado à tragédia e aos conflitos mais intrínsecos do ser humano, que propõe um teatro da introspecção radical e da reflexão existencial levada ao limite. Beckett é alguém que percebeu como poucos a falência das narrativas de sentido e a fractura entre linguagem, pensamento e mundo. Mas, para mim, quando o leio —

intuitiva, emocional e racionalmente — é luminoso. É positivo. Convoca esperança. As suas personagens e os respectivos percursos contradizem essa evidência superficial do caos e do fim. Beckett parece dizer-nos, num plano filosófico, existencial e quase anímico, que a luz só se encontra atravessando o inferno; que o nada é condição para tocar o todo; que a desesperança precisa de ser atravessada para que a esperança não seja sempre adiada para um futuro abstrato. Nesse sentido mais profundo, é um autor luminoso, diria mesmo optimista".

Amanhã, e nos dias 9 e 11, no Fórum Municipal Romeu Correia

Stein em discurso directo

Amanhã às 18h00 na Esplanada lançamos o livro de Peter Stein e Gianluigi Fogacci *Uma outra perspectiva - Vida e teatro de um Mestre*, com edição portuguesa do Teatro Nacional São João e chancela da Húmus. Editado originalmente em 2021, este volume reúne um conjunto de entrevistas de Stein realizadas com Fogacci, um dos seus actores dilectos, que já pudemos ver actuar no Festival em peças como *Crises de nervos* e *Platónov*.

Peter Stein, nascido em Berlim em 1937, é um dos mais consagrados encenadores do século XX, com quase seis décadas de uma carreira dedicada ao teatro de texto, assente na filologia. Ficou célebre, entre muitas outras

criações, a sua encenação integral de *Faust I & II*, com uma duração de 21 horas, durante a Expo de Hanover. Para Stein, "no teatro, a viagem em direcção ao conhecimento pode ser feita em conjunto e, quando assim é, leva-nos mais longe". O Mestre acrescenta ainda que, quando se está disposto a envolver-se profundamente num texto, se "sente que se faz parte de uma obra de arte e, de repente, nos percebemos verdadeira, plena e dignamente enquanto seres humanos". *Uma outra perspectiva* aborda não só a sua perspectiva sobre o teatro, mas também as suas memórias e abundantes experiências que uma vida dedicada à encenação lhe proporcionou.

Pedro Ribeiro



© Rui Carlos Mateus

Raquel não escapa a Raquel

Raquel Castro traz-nos uma peça de 'teatro dentro do teatro', que aborda o tema da ansiedade que assalta os artistas durante o processo criativo de um espectáculo. Em *Ansioliticamente falando* é-nos dada a oportunidade de espreitar o que se passa numa sala de ensaios, e de testemunhar as preocupações de um grupo de jovens (e precários) actores que ensaiam *A gaivota*, de Tchecov.

Estreada no final ano passado, esta peça, que é a mais recente criação de Raquel Castro, acaba por inscrever-se na linha de espectáculos anteriores — como *A morte de Raquel* ou *As Castro* —, nos quais a linha dramática condutora era a própria biografia da criadora. No entanto, a intenção inicial não era essa: para fugir de si mesma, a actriz e encenadora começou por considerar não fazer mais um espectáculo autobiográfico. Decidiu então encenar *A gaivota*. O plano parecia estar a correr bem — até que voltou a dar de caras consigo mesma. Na sinopse com que se apresenta esta peça pode ler-se que “por mais que tente, a Raquel não consegue ver-se livre de si própria: a sua vida está por toda a parte, até em Tchecov”.

Joana Bértholo, que a entrevistou aquando

da estreia, descreve-nos que “nesta peça, a personagem ‘Raquel’ fala-nos de um desejo inicial de encenar Tchecov e fazer uma peça de repertório, mas depois vê-se confrontada com a impossibilidade de escapar à autobiografia. O texto também joga muito com a própria ideia de ‘ensaio’: passa-se quase tudo em ensaios, bastidores e palco. Fala-se sobre os bastidores de um espectáculo, mas também sobre os bastidores da dor. Aborda-se a vulnerabilidade dos criadores e os mecanismos de defesa perante a ansiedade e o caos. E há também um retrato geracional de artistas que são precários, o que os torna emocionalmente frágeis, uma vez que não podem parar de trabalhar”.

Sobre o tema que deu o mote ao seu espectáculo, Raquel Castro afirmou que “a ansiedade é transversal a todos os sectores da sociedade e está muito presente na nossa geração. O processo criativo traz-nos, obviamente, ansiedades e medos, mas o que eu tento representar nesta peça é a dificuldade que há em gerir uma série de coisas na vida. Esse sentimento de ansiedade dá-se nomeadamente pelo excesso de solicitações a que estamos quotidianamente sujeitos, pela necessidade premente de dar resposta, e pela pressão para não falhar — a que também eu não escapo”.

Amanhã e dia 8 na Academia Almadense.

Antena2 emite do TMJB

Amanhã a RTP Antena 2 vai estar em directo a partir do foyer do Teatro Municipal Joaquim Benite, entre as 17h20 e as 19h00. Esta emissão contará com entrevistas com Rodrigo Francisco, Pedro Sobrado (Presidente do Conselho de Administração do Tea-

tro Nacional de S. João), Edmundo Cordeiro (tradutor do livro *Uma outra perspectiva*), Fernando Gomes, Raquel Castro, Álvaro Correia e Miguel Seabra.

Haverá também reportagens em vários espaços do Festival e leituras, pelos actores, de excertos das peças *Ansioliticamente falando* e *SAUDAÇÕES*.

Do Maranhão para Almada

Amanhã o palco da Esplanada recebe Dan Góes, um cantor do Maranhão, no Nordeste brasileiro, que se dedica à música desde os 15 anos. Góes carrega consigo inspirações da terra do Boi Bumbá e de tambores ancestrais, tecendo a sua linha rítmica e melódica de forma orgânica e sintetizada. Acompanhado por Felipe BPM (bateria e percussão) e Gui Salla (baixo eléctrico), o músico traz-nos, segundo o próprio, um “sabor a Brasil, fundindo ritmos afro-brasileiros e afro-caribenhos em melodias orgânicas e rítmicas”.



Restaurante da Esplanada

HOJE

Risotto de cogumelos e frango
Choco frito com salada russa
Caril de grão com arroz de gengibre

AMANHÃ

Favas com entrecosto
Pescada gratinada
Tagliatelle gratinadas com cogumelos

Agenda de Amanhã

UMA OUTRA PERSPECTIVA – VIDA E
TEATRO DE UM MESTRE

18H00

Escola D. António da Costa

DAN GÓES

20H00

Escola D. António da Costa

SAUDAÇÕES

21H30

Teatro Municipal Joaquim Benite

ANSIOLITICAMENTE FALANDO

21H30

Academia Almadense

HAPPY DAYS

21H30

Fórum Municipal Romeu Correia

O Livro do Dia



Publicada em 2012, a tradução de *Timão de Atenas* que Yvette Centeno realizou para a CTA foi objecto da encenação derradeira de Joaquim Benite. Para a poeta, “Timão é um herói que cai vítima de si mesmo, e cujo exemplo se deixa para outros”.

2€ na Banca do Festival